

Resumo: Este artigo examina a convergência histórica entre a trajetória comercial e científica dos registros sonoros e a constituição da Ciência da Informação desde o final do século XIX, analisando suas interconexões epistemológicas e institucionais. Por meio de uma análise histórica, o estudo investiga como o desenvolvimento da máquina fonográfica e seus discursos se entrelaçaram com a formação do campo científico da Documentação e, posteriormente, da Ciência da Informação. Os resultados evidenciam que em ambos os contextos históricos prevaleceram argumentos vinculados a um evolucionismo tecnológico: inicialmente, estes se concentravam na universalização do conhecimento e na pretensa superação da escrita pelo registro sonoro; após a Segunda Guerra Mundial, orientaram-se pela concepção de informação desmaterializada, fragmentação espaço-temporal e emergência de novos recursos documentais, associando os documentos sonoros a uma narrativa de perda de um registro arcaico. A análise da produção acadêmica contemporânea, contemplando literaturas em português, espanhol, francês e inglês, revela que as preocupações com a preservação de acervos sonoros permanecem fundamentadas em um similar discurso especulativo de evolucionismos hiperbólicos. O estudo conclui ser necessário questionar narrativas míticas e presentistas sobre evoluções no tempo, buscando uma compreensão mais matizada que considere as interdependências entre passado, presente e futuro, não somente na vinculação entre documentos sonoros e Ciência da Informação como também em nossa relação com artefatos técnicos de modo geral.

Palavras-chave: Arquivos sonoros; Documentos sonoros; Epistemologia histórica; Historiografia da Ciência da Informação; Preservação documental.

Abstract: This article examines the historical convergence between the business and scientific trajectory of sound recordings and the establishment of Library and Information Science since the late nineteenth century, analyzing their epistemological and institutional interconnections. Through historical analysis, the study investigates how the development of the phonographic machine and its associated discourses intertwined with the formation of Documentation as a scientific field and, subsequently, Library and Information Science. The findings demonstrate that in both historical contexts, arguments linked to technological evolutionism prevailed: initially, these focused on the universalization of knowledge and the alleged supersession of writing by sound recording; after World War II, they were guided by the concept of dematerialized information, spatiotemporal fragmentation, and the emergence of new documentary resources, associating sound documents with a narrative of loss of an archaic record. The analysis of contemporary academic production, encompassing literature in Portuguese, Spanish, French, and English, reveals that concerns about the preservation of sound collections remain grounded in a similar speculative discourse of hyperbolic evolutionism. The study concludes that it is necessary to question mythical and presentist narratives about temporal evolution, seeking a more nuanced understanding that considers the interdependencies between past, present, and future, not only in the connection between sound documents and Library and Information Science but also in our relationship with technical artifacts in general.

Keywords: Sound archives; Sound documents; Historical epistemology; Historiography of Library and Information Science; Documentary preservation.

Introdução

De que maneira a trajetória histórica dos arquivos e documentos sonoros convergiu com a constituição da Ciência da Informação a partir do final do século XIX? Que práticas e discursos ataram ambos desdobramentos epistemológicos e institucionais, permitindo que, hoje, conseguíssemos abordá-los conjuntamente de modo a enriquecer discursivamente as narrativas possíveis que os cercam? Este artigo pretende responder a essas perguntas entrelaçando as duas historiografias com o objetivo de retomar e recriar assertivas e críticas, além de suscitar questões que se ocultam em perspectivas tomadas como certas, como nossa irrefletida relação presentista com técnicas e tecnologias, de nosso e de outros tempos.

Para isso, na primeira seção, iremos abordar o desenvolvimento técnico e discursivo da máquina fonográfica, nas últimas décadas do século XIX, demonstrando seu precoce vínculo com questões advindas da ciência em meio a argumentos ligados a um evolucionismo tecnológico, também presente na concepção de organização universal do conhecimento e na constituição do campo científico da Documentação que precedeu a formação acadêmica da atual Ciência da Informação. Nos dois contextos históricos em destaque, correspondentes aos períodos anterior e posterior à Segunda Guerra Mundial, essa maneira de conceber as novidades técnicas que surgiam e desafiavam epistemologias estabelecidas se mostrou como um dos alicerces de mitos, no sentido cassireriano, que se multiplicavam nos discursos hiperbólicos ligados às idealizações referentes a substituições tecnológicas e à chamada sociedade da informação.

Em seguida, nosso desafio será demonstrar que na dobra do mito da informação desencarnada, no contexto do pós-guerra, o registro sonoro – tomado como um artefato antigo com cada vez menos espaço na dita sociedade da informação que avançava em suas evoluções discursivas sem fim – não somente sobrevivia como também seguia compondo as narrativas epistemológicas da Ciência da Informação, mesmo que furtivamente, fazendo despontar ao mesmo tempo questões institucionais, bem mais materiais que as abordadas nas mitologias informacionais, sobre essa incontornável sobrevivência.

Por fim, a discussão sobre os registros sonoros e sua organização será trazida para um contexto mais atual, mostrando-se sua conexão recente com dilemas que estão distantes de serem novidades, não obstante, novamente, serem assim apresentados no campo da enunciação. Veremos que, como continuidade de uma tradição discursiva da Ciência da Informação da segunda metade do século XX, os trabalhos recuperados em pesquisa qualitativa e quantitativa em bases de dados da área – a saber, Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (Brapci), repositório do Instituto de Investigaciones Bibliotecológicas y de la Información da Universidad Nacional Autónoma de México (Iibi-Unam), Cairn.info e Library, Information Science & Technology Abstracts (Lista) – demonstram que as narrativas ligadas aos arquivos e documentos sonoros deslocaram-se de uma perspectiva universal de ciência onisciente e de técnica onipotente, para uma fragmentação espacial e temporal generalizada, embora sob a mesma lógica do evolucionismo tecnológico.

Assim, nosso objetivo com este estudo é evidenciar empiricamente que a trajetória histórica dos arquivos e documentos sonoros se entrelaça intimamente com o desenvolvimento discursivo e disciplinar da Ciência da Informação, revelando uma relação complexa que transcende a mera coincidência temporal. Ambos compartilharam não apenas desafios

técnicos e epistemológicos que se inter cruzaram, mas também discursos e práticas que os moldaram mutuamente. Essa interseção, frequentemente negligenciada na literatura acadêmica, oferece percepções valiosas sobre como tecnologias de registro e formas de produzir e organizar conhecimentos configuraram – e continuam configurando – nossa compreensão sobre informação ou documentação e sua materialidade.

Máquinas fonográficas e Ciência da Informação entre os evolucionismos tecnológicos do século XX

A primeira máquina capaz de capturar e reter sons em uma superfície material, sem intermediação direta e necessária de signos de representação sonora, foi idealizada pelo tipógrafo francês Léon Scott nos anos 1850. O nome dessa primeira ferramenta já estabelecia, logo nesse momento inicial, o corte temporal que se imaginava estar fazendo com a criação da nova técnica: fonógrafo, ou "voz do próprio autor" – *phône* podendo ser traduzido por "voz" e *autographe*, por "o que é de autoria do próprio autor" (CLÉDAT, 1917:317). A ideia fundamental subjacente era que essa inovação superava as limitações dos meios de registro sonoro existentes, até então restritos, no contexto ocidental, às notações fonética e musical.

O formato livro era considerado o instrumento por excelência responsável por deslocar espaço-temporalmente o pensamento de um autor ao convertê-lo para caracteres gráficos decodificáveis. No entanto, essa maneira de transmitir conhecimentos poderia ser tida como uma forma assaz indireta, até mesmo incompleta ou falsa, de disseminar ideias para além do momento de sua produção pontual em um local específico. Tratava-se de uma antiga visão fonocêntrica de como se estabelecia o processo e a efetividade da comunicação, além da veracidade de seu conteúdo, que imputava à escrita fonética, ou mesmo musical, um lugar de imitação imperfeita do som que teria dado origem à sua existência (DERRIDA, 2017).

A concepção defendida por Léon, que propunha uma máquina capaz de reproduzir a voz real do autor em vez de sua representação por meio de uma forma escrita, não se limitou àquele momento particular. Vinte anos após a divulgação da ferramenta que prometia transmitir para a posteridade a verdade do conhecimento na linguagem específica da acústica (VILLON, 1894:10), seria apresentada ao mercado dos avanços tecnológicos da época a máquina que tornaria o empreendimento fonográfico conhecido e reconhecido no mundo todo: o fonógrafo americano, produzido pela companhia de Thomas Alva Edison, pioneira também no desenvolvimento da lâmpada elétrica.

Em 1877, Edison, em busca de reconhecimento (e sobretudo êxito comercial) para seu negócio fonográfico, começou uma ampla divulgação do fonógrafo junto, principalmente, aos atores que poderiam garantir à sua ferramenta um selo de "verdade do conhecimento": os cientistas. Além de ter levado pessoalmente sua máquina ao escritório da revista de divulgação científica *Scientific American* nesse ano (THE PHONOGRAPH, 1896:65), um artigo de sua autoria, intitulado *The Phonograph and its future*, foi publicado na *The North American Review*, prometendo, para o campo científico, um instrumento incomparável em termos de avanço tecnológico na captura da realidade. No ano seguinte, ainda, o empresário americano viajaria para a França com o intuito de apresentar sua "invenção", como ele se referia, à Academia de Ciências e à Sociedade Francesa de Física (VILLON,

1894:19). As promessas, obviamente, se dirigiam para um futuro promissor e mais perfeito, onde a forma de transmissão de conhecimento, de comunicação intra e extracultural, transcenderia os limites de um passado insuficiente e limitado por meio de um novo formato de livro: os livros fonográficos.

Tais livros seriam ouvidos onde agora nenhum é lido. Eles preservariam mais do que as emanções mentais do cérebro do autor; e, como legado para as gerações futuras, seriam inigualáveis. Para a preservação das línguas, seriam inestimáveis (EDISON, 1878:534).

Não tendo conseguido o reconhecimento, e o êxito comercial imediato, que desejava inicialmente, a empresa de Edison se retiraria parcialmente do negócio por alguns anos para se dedicar a empreendimentos institucionalmente mais lucrativos, como os da própria lâmpada elétrica. Era notável que os pedidos de confiança no aperfeiçoamento futuro das funcionalidades da ferramenta escondiam um presente de dúvidas: os cientistas manifestavam reservas, enquanto "pessoas sérias", como eram denominadas, chamavam-na de brinquedo; o som que se projetava da corneta da máquina não era a realidade, pelo contrário, era mais uma deturpação dela, visto que as vozes saíam extremamente distorcidas, nasaladas, quando não eram mesmo inaudíveis (CLARKE, 1918:116).

O retorno de Edison ao negócio no final dos anos 1880 era sintoma de uma corrida pela máquina fonográfica perfeita, desta vez, reabilitada pela concorrência; mais precisamente, pela seção científica da empresa de Alexander Graham Bell, a Volta Laboratory and Company. A máquina dessa empresa, chamada grafafone, apareceria em meio a compromentimentos de se fabricarem artefatos mais leves, menos dispendiosos financeiramente, de uso doméstico facilitado e, principalmente, de audição aperfeiçoada. Se não era possível a existência de um som reproduzido tal qual sua versão dita original – esse som produzido em um tempo e lugar específico, antes apenas indiretamente registrável –, a ideia era ao menos proporcionar uma escuta mais refinada, o que foi realizado por meio de tubos acústicos, inspirados originalmente no estetoscópio médico (VILLON, 1894:61), mas que, hoje, poderíamos perceber como versões experimentais dos fones de ouvido contemporâneos, ainda que com outros objetivos.

O tom de Edison em seu retorno ao mercado com o fonógrafo aperfeiçoado, mais uma vez se dirigindo ao público acadêmico em novo artigo, assumia uma forma de discurso de viajante no tempo, a um estilo de anunciador de novidades revolucionárias, principalmente se comparadas a antigos recursos, ligados à escrita comum e à estenografia.

Os observadores, ouvintes e romancistas realistas mais habilidosos, ou mesmo estenógrafos, não conseguem reproduzir uma conversa exatamente como ela ocorreu. O relato que eles dão é mais ou menos generalizado. Mas o fonógrafo recebe, e então transmite aos nossos ouvidos novamente, cada mínima coisa que foi dita, exatamente como foi dita, com a fidelidade impecável de uma fotografia instantânea. Agora saberemos pela primeira vez o que uma conversa realmente é [...] (EDISON, 1888:648).

A fonografia mecânica unia, pela primeira vez, segundo Edison e outros entusiastas do mercado fonográfico, o pensamento humano real, supostamente localizado em uma linguagem-som que teria sido sua origem, à capacidade de registro desse lapso de tempo que compunha um evento sonoro. Nascia, assim, o som moderno, que deveria excluir

qualquer excedente sonoro que impedisse um processo eficiente de comunicação em massa, remodelando relações espacio-temporais mais tradicionais sob o controle de práticas e discursos desenvolvidos, a princípio, em âmbito comercial (THOMPSON, 2004:171-172).

O processo histórico, na imaginação futurística que preponderava, seria composto de substituições e avanços: não existiriam mais papel, anotações, nem tampouco livros no futuro; o fonógrafo (nome da máquina de Edison que se tornaria, por décadas, uma generificação de marca) substituiria todos os recursos que lhe fossem redundantes e atrasados nessa escala evolutiva do tempo tecnológico. Por qual razão um autor iria escrever uma obra se ele poderia enunciá-la com sua própria voz em frente a uma máquina fonográfica, dando-lhe uma marca inconfundível de verdade e originalidade? É certo que poucos deixavam de enfatizar, ou ao menos ponderar, entre o fim do século XIX e a primeira metade do XX, as limitações desses artefatos, sendo as principais delas a capacidade restrita de captação sonora (problema arrefecido apenas com o aparecimento do microfone nas ferramentas elétricas surgidas nos anos 1920) e a circunscrição de tempo de registro a três minutos em média (questão relativamente resolvida com o advento comercial do *Long Playing* (LP), no final dos anos 1940). Contudo, o discurso da esperança no progresso tecnológico, uma força temporal concebida como natural e inexorável, está mesmo assentado, ontem e hoje, nessa ideia de que apesar dos defeitos, estamos caminhando rumo a algo superior. Sempre.

Mas as substituições não se dirigiram apenas a recursos materiais, abarcariam também humanos. Durante as primeiras décadas do século XX, com o fonógrafo se tornando cada vez mais popular, e sendo o porta-voz do futuro da comunicação e registro documental, mencionava-se a substituição, por exemplo, de alguns tipos de professores: por qual motivo existiriam professores ensinando, em sala de aula, uma língua estrangeira através de sua pronúncia, muitas vezes, deficiente, por não se tratar eventualmente de um nativo do idioma, se os estudantes poderiam ter consigo, onde quer que estivessem, fonogramas pronunciando de forma perfeita inúmeras línguas? (A NEW LANGUAGE..., 1913:287). A questão da língua, aliás, era fundamental, visto que a discussão girava em torno, primordialmente, dos aspectos sonoros e vocais impossíveis de serem registrados completamente por escritura, tais como timbre, frequência, amplitude e forma (SEASHORE e SEASHORE, 1934:485-486). Com efeito, a partir dos anos 1870, uma nova disciplina emergiu em torno das possibilidades inauguradas pela fonografia mecânica, que permitia, pela primeira vez, o registro e análise sistemática da voz e de todas as línguas humanas: a fonética experimental (TKACZYK, 2023:61). Assim, desdobrava-se um espaço superlativo não apenas para a descoberta da verdade da linguagem, mas igualmente para a de sua universalidade.

A promoção das máquinas fonográficas em ambientes institucionais apoiava-se fortemente na ideia de que o som moderno, ao permitir que todos pudessem ouvir e aprender uns com os outros, dispensando-se qualquer correspondência espacial entre enunciador e ouvinte, criaria uma linguagem universal. Se o próprio Edison buscava demonstrar essa ligação do universal com sua máquina através da mescla de línguas em gravações que ele reproduzia em tempo real para sua plateia de cientistas (VILLON, 1894:16), os próprios pesquisadores que observavam com interesse o desenvolvimento da fonografia mecânica também incorporariam esse ideal da universalidade ao vê-la como uma oportunidade inédita de escutar o desconhecido (estrangeiro e exótico) com atenção e objetividade em outro espaço que não aquele efêmero da produção pontual de uma enunciação.

Nesse sentido, as áreas da antropologia e da etnografia se formariam muito especialmente, na virada do século passado, calcadas na possibilidade de escuta de um outro distante cuja voz poderia ser levada a laboratórios com perdas significativamente menores do que as alegadamente existentes em um registro escrito. Não seria mais necessário ir a campo registrar em uma escrita fonética ou musical imperfeita o que se ouvia, transportando ao gabinete de estudos apenas fragmentos incompletos de uma realidade. Qualquer pessoa, mesmo sem conhecimentos de notação de música, por exemplo, poderia viajar e coletar partes de culturas desconhecidas em formato sonoro para estudos posteriores, colecionando-se fonogramas em espaços exclusivos.

Nesse período, já existiam dezenas de arquivos sonoros espalhados pelo mundo, com destaque para as atomizadas coleções americanas, abrigadas sem muito alarde em universidades e museus, a maioria de interesse antropológico, e para os arquivos europeus, cujos esforços oscilaram entre a reunião de materiais dedicados a estudos das áreas de etnomusicologia e história natural e aqueles voltados para a fonética experimental (SOCIÉTÉ DES NATIONS, 1932:17-31; 39-51). No caso da Europa, a fonografia fora institucionalizada em um contexto de corrida das nações pela criação, no início do século, do arquivo de fonogramas mais avançado em termos tecnológicos e documentários; em consonância com a lógica colonialista que predominava, o objetivo primordial do Phonogramm-Archiv de Berlim e dos Archives de la Parole de Paris, fundados, respectivamente, em 1900 e 1911, era constituir um acervo de registros sonoros que possibilitasse o contato não apenas com as línguas e dialetos falados em seus países, mas também com aqueles de todo o território europeu e, em última instância, do mundo inteiro, demonstrando seu poder epistêmico por meio da possibilidade de acesso universal a material bruto e fidedigno proporcionada pela máquina fonográfica (STUMPF, 1908:1; BRUNOT, 1911).

No início da década de 1930, esse mundo da organização do conhecimento sonoro seria legitimado, ainda que sobre outras bases, pela Liga das Nações, organismo internacional criado ao final da Primeira Guerra Mundial com o intuito de congregiar os países, especialmente da Europa, a partir de compreensões mútuas, em tese, afastando-se das disputas daquele colonialismo epistêmico ao incorporar ideias kantianas de paz perpétua, em uma concepção de história comum com enfoque cosmopolita (KANT, 2022). As práticas documentárias seriam os principais pontos de apoio do empreendimento, visto que, segundo a visão que preponderava na instituição de Genebra, apenas por meio do conhecimento factual os diferentes povos poderiam se entender, evitando guerras futuras ao compreenderem que todos pertenciam a uma trajetória histórica comum – percepção já incorporada nos trabalhos de campo dos antropólogos desde o final do século XIX.

O problema residia em como organizar a chamada circulação do pensamento em um momento de, como chamaríamos hoje, explosão informacional. Porque, segundo Julien Luchaire (1929:194), escritor francês e diretor do Instituto Internacional de Cooperação Intelectual da Liga por cinco anos (de 1926 a 1930), "os novos meios sobre o cérebro", a saber, o cinema, o rádio e o fonógrafo, espalhavam "pelo mundo uma torrente de imagens e sons, representações e sugestões, em comparação com as quais as correntes intelectuais dos séculos passados eram apenas fluxos tênues...". E como controlar de um ponto central tamanho fluxo de expressões humanas, tornando acessível, mais particularmente, os documentos sonoros?

No que tange à fonografia mecânica, em 1931, um comitê de peritos de música gravada seria convocado por esse mesmo Instituto com vistas a estabelecer caminhos básicos para que arquivos sonoros já existentes, e aqueles ainda a serem criados, se transformassem nas fonotecas oficiais de cada país, dando origem a polos articuladores nacionais que, em intercâmbios contínuos, formariam uma rede universal de troca de fonogramas e de conhecimento sobre sua organização (SOCIÉTÉ DES NATIONS, 1932).

Os documentos sonoros se transformariam em um assunto urgente para a questão da universalização do conhecimento em nome da paz mundial – para a Liga das Nações, instituição central responsável pelo empreendimento, e para pensadores que vinham defendendo essa organização havia décadas, como Paul Otlet. Devido à rapidez com que tudo vinha ocorrendo, de acordo com as percepções da época, tanto o organismo internacional, por meio de resoluções estabelecidas no contexto do comitê formado para discutir a problemática da fonografia mecânica, quanto Otlet, no mesmo período, previam que, no futuro, as fonotecas acabariam sendo substituídas pelas cinematecas, haja vista que elas abrigariam um tipo de registro que caminhava para um estágio máximo de evolução, principalmente com a possibilidade então recente de sua sonorização: a imagem em movimento (SOCIÉTÉ DES NATIONS, 1932:86). Mas naquele presente, nos próprios termos estabelecidos, em 1934, no *Traité de Documentation* de Otlet, os substitutos imediatos dos livros e das bibliotecas eram, respectivamente, os fonogramas e as discotecas (como os arquivos sonoros também eram chamados em português, espanhol e francês), dentro da mesma perspectiva evolutiva e fonocêntrica que vinha acompanhando o desenvolvimento comercial e científico da máquina fonográfica.

A perspectiva evolutiva de Paul Otlet abrangia, principalmente, os dois aspectos materiais de seu empreendimento prático-intelectual em torno da documentação: um que dizia respeito à organização do conhecimento e outro ao formato dos documentos. Desde o final do século XIX, com a fundação do Instituto Internacional de Bibliografia, Otlet trabalhava em seus discursos a questão da superioridade numérica de seu próprio tempo: cada vez mais, um volume imenso de trabalhos científicos tinha como característica principal os enfoques especializado e internacionalizado, o que tornava as classificações europeias – baseadas em arranjos por autor, assuntos e ordem alfabética – inócuas, impossíveis de possibilitarem o acesso universal cada vez mais demandado pela globalização científica crescente (OTLET, 1894:15). Nesse sentido, a *Classificação Decimal de Dewey* (CDD), americana, era ovacionada por sua linguagem universal, dentro de um código único e agregador que poderia ser facilmente reconhecido por todos, como um latim da organização documental daqueles tempos modernos (OTLET, 1894:16-19).

Assim, se por um lado, uma bibliografia ou repertório bibliográfico universal teria como objetivo conectar descobertas científicas empreendidas em pontos afastados do globo, por outro, um formato universal de documento tinha necessariamente de proporcionar cada vez mais realidade para as análises científicas posteriores. A própria preterição do termo "livro" por "documento", este sendo tido como um "livro em evolução", demonstraria essa preocupação em abarcar o máximo de realidade, incluindo, em primeiro lugar, a perspectiva de uma imagem real, para além de um registro escrito incompleto. Em 1919, a primeira dilatação em termos documentais admitida se dirigiu para os acervos fotográficos, para a necessidade de sua classificação e de atenção específica a esse tipo de documento (OTLET, 1919:14).

O enfoque fonocêntrico viria apenas mais tarde, já no contexto do *Traité* e após o alargamento máximo de sua compreensão de documento, influenciado pelas discussões que vinham ocorrendo no contexto da própria Liga das Nações (BUCKLAND, 1997:805) – com suas preocupações sobre como organizar e disponibilizar conhecimentos de todos os povos visando à paz perpétua em meio a fluxos globais, antes inimagináveis, de documentos e comunicações –, mas também dos desenvolvimentos comercial e científico da tecnologia fonográfica.

O evolucionismo tecnológico abarcou a máquina fonográfica, mas nunca se limitou apenas a ela – nem tampouco àquele contexto. O próprio Otlet seguiria mencionando, em sua obra definitiva, mais substituições posteriores, prossequindo discursivamente com o avanço previsto para um mundo além-escrita ao defender a transição documental do fonograma para as imagens de televisão (OTLET, 1934:237). Porém, ademais das questões especializadas sobre organização do conhecimento, podemos afirmar com segurança empírica que estamos nos referindo a um discurso onipresente em distintos tempos e espaços, proferidos tanto por empresas privadas voltadas para os êxitos financeiro e moral de seu negócio quanto cientistas ávidos por disseminar enunciados verdadeiros sobre o mundo que habitamos: nossos artefatos são superiores aos do passado; nosso conhecimento é superior ao do passado; nossos documentos são superiores aos do passado; nossas preocupações são superiores às do passado. E seguirão avançando.

Igualmente, evidencia-se que a Ciência da Informação contemporânea se constituiu historicamente a partir desse *topos* do progresso tecnológico, ainda que Paul Otlet e as questões da Documentação da primeira metade do século XX não sejam o ponto de partida em foco, mesmo que a perspectiva sob análise seja a de que a disciplina começou a tomar forma apenas na segunda metade do século passado, como sustenta determinadas historiografias.

A partir dos anos 1950 e 1960, não seria uma indústria fonográfica que estabeleceria furtivamente as diretrizes das discussões sobre a organização do conhecimento científico chamando a atenção para a evolução temporal que se vivia, mas uma indústria da informação, constituída após o fim da Segunda Guerra Mundial juntamente com o desenvolvimento da computação e a demanda social pelo aperfeiçoamento de procedimentos profissionais de coleta, armazenamento, recuperação e disseminação da chamada informação científica e tecnológica (SALDANHA, 2020:51; 83).

Nesse outro contexto, o computador artificial comportaria em si não somente uma universalização da organização do conhecimento como também a do próprio formato documental – ou informacional, termo que passou a ser preferível desde então, retirando-se a materialidade do antigo esforço de conceitualização. Isso porque a máquina, desmaterializada, seria a própria informação ao mesmo tempo em que fornecia recursos para sua recuperação, numa verdadeira "metamorfose da documentação": indexação, estruturação e busca de arquivos, classificação, consultas, análise de conteúdo e catalogação automáticas; enfim, processos que teriam criado a renovada Ciência da Informação (SHERA e CLEVELAND, 1977:259; 266).

Por conseguinte, essa metamorfose poderia ser melhor apreendida como um desdobramento do discurso evolucionista, que justificaria a preterição do passado documental de bibliotecas, livros e suportes materiais antigos, por sua inadequação para "atender às necessidades de comunicação da sociedade atual", em função do mundo

superlativo que se vivia: enorme crescimento da ciência e tecnologia, ritmo acelerado com que novos saberes apareciam, rápida taxa de obsolescência do conhecimento técnico, grande número de cientistas e publicações acadêmicas, aumento da especialização e curto intervalo de tempo entre a pesquisa e sua aplicação (BORKO, 1968:4).

A Ciência da Informação, com sua roupagem de nova disciplina, seria estabelecida nessa historiografia de fim de século ora como uma ciência adaptada ou gerada pelo caos de uma pós-modernidade (WERSIG, 1993: 235), ora como uma abordagem mais avançada na linha evolutiva dos estudos informacionais (SARACEVIC, 1996:42). Em ambos os casos, o evolucionismo tecnológico que criou discursivamente a dita inédita sociedade da informação também tratava de apagar das narrativas as "incipientes técnicas" (como chamou Saracevic) de outrora, que se perdiam na torrente de "representações e sugestões, em comparação com as quais as correntes intelectuais dos séculos passados eram apenas fluxos tênues...", como afirmara Luchaire não em 1968, 1993 ou 2025, mas no longínquo ano de 1929.

Não obstante, por mais que o abstrato conceito de informação pudesse eliminar no discurso um passado documental, sua materialidade seguiria existindo e desafiando as compreensões das verdades e evoluções universais de uma nova virada de século. A superação, ainda que parcial, do insuficiente mito da informação desencarnada seria o caminho para lidar com o que se encontrava mudo, a despeito de dúvidas, receios e questões práticas trazidas por uma forma de registro arcaico.

O novo, o som, a ameaça: do mito da informação desencarnada à perda do registro arcaico

Segundo Ernst Cassirer (2021), afirmar que uma determinada narrativa é mítica não significa imputar a ela alguma forma de ilusão ou mentira. Significa, sobretudo, perceber sua diferença em relação à configuração de outros tipos de pensamentos, distinguindo sua maneira intuitiva de organizar vivências de um formato relacional e expansivo do raciocínio analítico, por exemplo. Um mito, portanto, pode ser apreendido como uma percepção mais espontânea de mundo, baseada em sínteses imediatas e emoções manifestas a partir da assimilação momentânea de experiências. Não haveria nessa forma de perceber realidades inferioridade intrínseca, pelo contrário, sua manifestação deveria ser considerada uma maneira legítima de construção de conhecimento.

No entanto, quando essa maneira de organizar ideias invade, de maneira irreflexiva, modos distintos de enunciação, o mito se torna uma forma fragmentada de compreender contextos históricos. É o que ocorre com o mito da informação desencarnada que se consolidou a partir da segunda metade do século passado, na Ciência da Informação e alhures.

Como vimos, não era uma situação nova perceber o tempo como uma linha evolutiva de progressos, particularmente, tecnológicos, que passava vertiginosamente sobre olhos e braços que se esforçavam por controlar fluxos de comunicação e documentação alegadamente sem precedentes na história. A camada de discurso singular que se sobrepunha a esse velho mito moderno estava, antes, sobre o conceito de informação, que teria despontado para substituir vocabulários biblioteconômicos e documentários, considerados insuficientes para lidar com as avançadas máquinas da aludida nova

sociedade da informação – assim como, previamente, a documentação, tida como cada vez mais evoluída, substituiria o livro.

Assim, os sentimentos de medo e ansiedade quanto ao novo, veloz e excessivo, somados ao imediatismo de substituir o antigo pelo moderno, o passado pelo presente e futuro, deram as coordenadas da constituição da Ciência da Informação, tanto aquela desenvolvida na época de Otlet quanto a outra, posterior, já alicerçada numa concepção de informação desencarnada, tal qual uma consciência que se desprendeu do invólucro corpóreo que antes habitava para se tornar conhecimento autoevidente e *commodity* em um mundo sem história (DAY, 2005:581-582). Esse desencarne discursivo geraria uma disciplina "com baixa argumentação teórica, baixa justificação epistemológica, grande uso do empirismo das ciências fáticas, estruturando-se em um praticismo imediatista" (SALDANHA, 2020:118) e desenvolvendo-se com base na obsessão por criar um senso uniforme de teoria (DAY, 2005:591), mesmo que fundamentado no formato mítico de pensamento.

O modelo matemático de comunicação de Claude Elwood Shannon (1948), tomado de maneira isolada, dicotômica, acaba sendo o epíteto perfeito dessa configuração informacional abstrata. Na teoria original, temos uma mecânica de transmissão de informação na qual existem um transmissor e um receptor nas extremidades opostas de um canal físico que decodifica sinais, marcas de certeza e fidedignidade que, quando perturbadas, se tornam ruídos, com os quais necessariamente se tem de lidar matematicamente. Nesse sentido, Shannon deliberadamente isolou os aspectos técnicos da comunicação para desenvolver uma teoria matemática rigorosa, prescindindo da variável significado propositalmente, mas desenvolvendo um padrão que, em outro contexto – o de uma nova disciplina em busca de uma teoria definitiva, por exemplo –, poderia levar tal lógica de oposição mecânica a tornar mudos ou fragmentados os recursos que não participam de uma estrutura semanticamente restrita – mudos ou fragmentados os sons que ressoaram fora de um limitado tempo-espaco que nunca se desdobra.

De acordo com Tanya Clement (2014), a questão do significado se colocou nos debates concernentes à teoria da informação desde seus primórdios (considerando-se o marco temporal da segunda metade do século XX), em uma discussão profícua que buscava definir relações entre recepções, destinatários e canais informacionais. O pouco enfatizado teria sido o papel do som e da audição nessas tentativas de compreensão da inteligibilidade do tráfego informacional. Nesse sentido, a ressonância, ora como contraponto, ora como complemento da racionalidade moderna, tivera uma atuação fundamental no que tange ao conceito de sistema de informação criado ao longo do século passado. Sua lógica de transmissão de informação sonora tanto participou, mediante a noção de "ruído", como se contrapôs ao modelo de Shannon, por meio de autores como Warren Weaver, John Pierce e Donald MacKay, que trataram de unir o aspecto mecânico de transmissão a significados que variam em dimensões temporais e espaciais, sendo compostos simultaneamente de elementos físicos e subjetivos, assim como no funcionamento do ouvido humano. O grande problema tem sido identificar essa colocação teórica no trabalho prático de arquivos sonoros, que se mantêm – não obstante serem espaços por excelência da ressonância, onde se poderia pensar mais do que em qualquer outro lugar na condição informacional ou documental – no vácuo da incomunicabilidade entre abordagens computacionais e investigação humanística, marca da Ciência da Informação contemporânea (CLEMENT, 2014:419).

Enquanto a primeira metade do século XX foi um período de grande esforço mundial no sentido de configuração de uma rede universal de discotecas nacionais, que deveriam intercambiar fonogramas contendo culturas locais em nome de um conhecimento mútuo que gerasse uma harmonia social internacional, a última metade do século seria marcada pelos discursos de perdas relacionados ao som moderno. Raymond Murray Schafer (2011) foi um dos primeiros autores, nos anos 1970, a chamar a atenção para esses desaparecimentos, mais especificamente aqueles que a fonografia mecânica, entre outras técnicas de produção e reprodução sonora, vinha ocasionando ao que ele passou a chamar de paisagem sonora (*soundscape*).

Para Schafer, preponderava socialmente uma ignorância sobre o sentido da audição que fazia com que a poluição sonora – acarretada pela substituição de sons naturais e provenientes de paisagens sonoras orgânicas pelos ruídos da vida moderna – passasse despercebida, tornando as identidades sonoras, culturais e naturais, cada vez menos autênticas. Tratava-se de um contexto de esquizofonia (separação de sons tidos pelo autor como os reais ou nativos) que, por não ser abordado discursivamente, redundava em perdas de memórias coletivas e de histórias ligadas a comunidades específicas que nem sequer eram reconhecidas, haja vista que o som era um aspecto ambiental negligenciado.

No mesmo período, outra perda sonora começava a ser discutida institucionalmente, dessa vez, relacionada ao próprio som moderno que incomodava Schafer – mais precisamente, a perda dos registros sonoros. A questão foi levantada, oficialmente, nas recomendações políticas realizadas pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) em 1980, num documento em que se chamava a atenção para o desaparecimento paulatino de suportes audiovisuais devido a episódios de deterioração, acidente ou mau armazenamento que afetavam essas ditas "heranças da humanidade". Em nenhum momento, no texto divulgado, apareceriam os exemplos de discotecas e cinematecas estabelecidas ou já existentes no contexto de esforço de universalização da extinta Liga das Nações, mas os ideais de seu Instituto Internacional de Cooperação Intelectual, precursor institucional da própria Unesco, se mantinham no clamor do organismo internacional: o objetivo maior era idealmente colecionar e salvar todas as produções nacionais dessa natureza, tornando-as reciprocamente conhecidas no contexto dos Estados, agentes que deveriam participar de uma cooperação internacional em nome da compreensão mútua entre todos os povos (UNESCO, 1980).

Esse reconhecimento institucional provocou, nos anos seguintes, um incômodo generalizado quanto ao estado preocupante em que se encontravam acervos audiovisuais, em geral, e sonoros, em específico, produzindo diversas iniciativas de discussão e conscientização quanto ao tema em várias partes do mundo. Além da própria UNESCO ter estabelecido, em 2006, o dia 27 de outubro como o Dia Mundial do Patrimônio Audiovisual, a Associação Internacional de Arquivos Sonoros (IASA) e o Instituto Nacional de Audiovisual da França, entre o final dos anos 1990 e início dos 2000, fizeram seus próprios levantamentos de dados e chamados quanto à necessidade de atenção às coleções que estavam em condições de deterioração (RODRÍGUEZ RESÉNDIZ, 2015:349-352).

Nas Américas, além de congressos para discussão acadêmica, como o Primeiro Encontro Internacional de Discotecas ocorrido no Brasil em 2016, cujo foco foram as condições físicas das antigas discotecas públicas (ENCONTRO..., 2016), a Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos patrocinou um estudo robusto sobre o estado de preservação de gravações sonoras no país. Os resultados dessa pesquisa, publicados em 2010,

identificaram diversos desafios quanto ao financiamento para conservação dos acervos, direitos autorais, escassez de profissionais qualificados, programas educacionais específicos sobre o tema, obsolescência de formatos e equipamentos de reprodução e ausência de documentação para contextualização dos registros sonoros. Não obstante, o ponto mais crítico revelado foi precisamente a deterioração física dos suportes originais – um processo que não era recente, tendo ocorrido desde os primórdios das máquinas fonográficas (LIBRARY OF CONGRESS, 2010:36).

Se o som como significado se estabeleceu no seio da teoria da informação que moldou parte das concepções míticas defendidas na Ciência da Informação, o som como registro documental poderia tender a desaparecer completamente em meio aos desencarnes discursivos da área: se o novo, o ágil, o futuro, o superior se inclinam para a rejeição da materialidade enunciada, um documento sonoro arcaico perderia tanto do lado da materialidade quanto da enunciação, por nem sequer fazer jus às narrativas da avançada sociedade da informação. No mundo presentista das evoluções do progresso tecnológico, o antigo livro está superado e, em breve, será substituído.

Essa visão evolucionista, sem dúvida, contribui para que os temas do som, da escuta e dos documentos e arquivos sonoros sejam em parte ignorados no contexto da Ciência da Informação, sendo somada a problemas conexos, como a dificuldade mais ampla em incluir experiências sonoras nos trabalhos acadêmicos de maneira geral (em grande parcela dos campos disciplinares) e nas reflexões sobre organização do conhecimento e recuperação da informação. Nem mesmo assuntos relacionados a música, a expressão sonora por excelência, costumam ser abordados acadêmica ou profissionalmente atentando-se para a dimensão sonora do registro (STEWART-ROBERTSON, 2024:549-550).

No entanto, isso não significa que a discussão relacionada às possibilidades trazidas pelo documento sonoro tenha se limitado ao fonograma como substituto do livro de Otlet ou à ressonância como exclusão ou compreensão do significado na teoria da informação do pós-Segunda Guerra Mundial. O debate sobre o som moderno, documentos e arquivos sonoros, tem sido efetivamente colocado na Ciência da Informação, ainda que, em geral, de maneira marginal. Sem dúvida, é necessário compreender essa questão também pela ótica do discurso atual, assim como precisamos entender o contexto histórico mais amplo em que essas defesas se desenvolvem, para repensarmos as narrativas míticas que tendem a se sobressair em nossas afirmações, recriando abordagens menos intuitivas e mais autocríticas no que diz respeito a mudanças técnicas e tecnológicas no tempo e no espaço.

Arquivos e documentos sonoros na produção acadêmica atual

O mundo verdadeiro se tornou fábula. Esta assertiva, ligada ao pensamento nietzschiano, ainda assusta quando retirada de contexto ou colocada em uma lógica binária apressada. Mas o que o filósofo alemão trouxe com essa ideia diz respeito às mudanças de perspectivas quanto à construção do conhecimento – ou melhor, a própria ideia de que conhecimentos são construções. Nesse sentido, a concepção de fábula, assim como a de mito, não é uma tentativa de descredibilizar ou tornar falso o que consideramos verdadeiro, mas nuançá-lo de modo a percebermos seus movimentos no tempo (NIETZSCHE, 2017). Porque, como vimos, apesar das similaridades de discursos, principalmente aquele referente ao evolucionismo tecnológico, as narrativas validadas academicamente sobre a organização

do conhecimento, sob a forma discursiva de documentos concretos ou de uma informação desencarnada, diferiram consistentemente em questão de poucas décadas: a escrita poderia produzir conhecimentos falsos em uma perspectiva de evolução técnica que caminhava rumo a um documento sonoro mais fidedigno disponibilizado universalmente, problemática que jamais se apresentou na renovada Ciência da Informação da segunda metade do século XX, mais interessada na recuperação efetiva (automatizada graças à evolução técnica da vez) de conteúdos fragmentadamente pontuais, dada de um sujeito a outro (DAY, 2005:578), numa lógica shannoniana, mas sem a matemática.

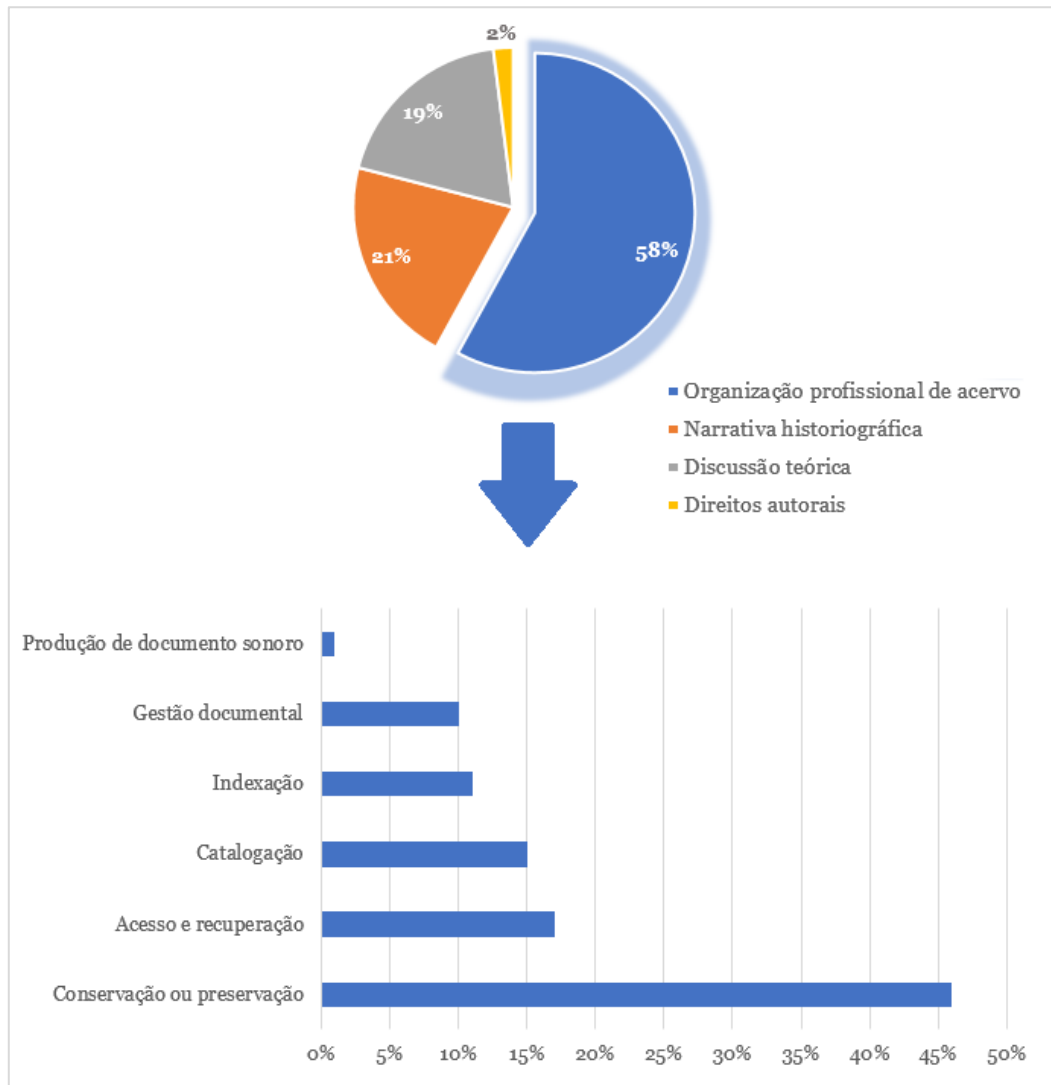
Quando se trata do assunto arquivos e documentos sonoros na produção atual da Ciência da Informação, essa fragmentação construída historicamente nos discursos mais recentes do campo – principalmente calcada na recuperação efetiva da informação, muito bem concretizada, neste caso, no documento sonoro – se mostra de uma ponta à outra das defesas.

O levantamento que realizámos comportou 200 artigos publicados nas línguas portuguesa, espanhola, francesa e inglesa, a partir dos descritores "documento sonoro" e "arquivo sonoro", recuperados nas bases de dados da Brapci, Iibi-Unam, Cairn.info e Lista¹. Nele, pudemos constatar que o foco das discussões das últimas décadas se encontra na organização profissional dos acervos, como sintoma do praticalismo imediatista já citado – o que não é necessariamente um traço negativo, tendo em vista que os discursos validados como socialmente justos apontam para a urgência quanto à preservação sonora, em especial, aquele som mais controlável comportados em documentos, que estariam igualmente se perdendo ao redor do mundo, levando consigo memórias de culturas e identidades. Aliás, entre as preocupações profissionais quanto às coleções sonoras, de distintos países, a questão da preservação é a que prepondera sensivelmente, como podemos observar na Fig. 1.

Há discussões sobre problemáticas mais profundas acerca de estruturas filosóficas que influenciam na tomada de decisão para preservação de áudio (NORRIS, 2014) e da virada epistemológica que os arquivos sonoros podem propiciar ao se subverter o enfoque eurocêntrico que os popularizou no início do século XX, com os antropólogos: do estudo de culturas gravadas ao de culturas de gravação (OLIVIER, 2022). Contudo, pela bifurcação digital e analógico, as narrativas enveredam muito mais para a ideia de que a "tecnologia não para de avançar" – incluindo, mais recentemente, um novo potencial substituto, a inteligência artificial (MEDINA, 2020:153) – e que a digitalização seria apenas uma das mudanças radicais que ocorreram nos métodos de preservação do registro sonoro tradicional (RODRÍGUEZ RESÉNDIZ, 2016b).

¹ Na seleção dos artigos acadêmicos para compor a pesquisa, aplicamos critérios simples de filtragem nos sistemas de busca. O principal parâmetro de refinamento foi o campo de conhecimento, com foco em Ciência da Informação ou informação e comunicação quando o enfoque prioritário não estava estabelecido por padrão. Também designamos como filtro o idioma, selecionando a língua predominante em cada base de dados consultada. Em termos cronológicos, optamos por uma abordagem abrangente, sem delimitar datas específicas – nossa análise contemplou desde o registro mais remoto disponível nas bases, posterior aos anos 1980, até as publicações mais recentes, tendo como referência temporal dois momentos de coleta: agosto de 2023 e, posteriormente, uma atualização em outubro de 2024.

Fig. 1 – Distribuição temática dos artigos sobre arquivos e documentos sonoros recuperados nas bases Brapci, Iibi-Unam, Cairn.info e Lista



Fonte: Elaborado pela autora.

A conexão da reflexão teórica relativa ao documento sonoro com a acentuação do registro especificamente digital se torna interessante quando nos voltamos para a amostra completa de trabalhos, pois, tomado em conjunto, o conteúdo dos textos aponta para um especial interesse por registros não digitais (à razão de 80% para 20%), reforçando o receio quanto às perdas dos registros arcaicos amplamente disseminado pela Unesco em 1980, mas contrariando a conclusão empírica mais recente da Library of Congress (2010:3-4) de que não haveria correlação entre a idade das gravações e seu risco, haja vista que até mesmo materiais digitais recentes estariam ameaçados. Assim, podemos afirmar que as perspectivas mais aprofundadas em termos de reflexão analítica se voltam para o presente imediato enquanto as necessidades práticas de profissionais que lidam cotidianamente com registros sonoros tendem a lançar as preocupações para o passado técnico do som moderno.

No entanto, pela perspectiva historiográfica, o antigo fonógrafo tende a ter sua narrativa vinculada à ótica da onipresente evolução tecnológica – melhora paulatina da qualidade e do volume do som, por exemplo (RODRÍGUEZ RESÉNDIZ, 2015) –, não obstante também se tornar um contraponto positivo com relação aos registros digitais, que podem ser interpretados como uma ameaça ainda mais complexa do que as antigas aspirações universalistas de preservação total da memória humana, devido à fácil manipulação e à velocidade e capacidade de armazenamento do tipo de registro mais recente (MURATALLA, 2017). A trajetória do documento sonoro, assim, oscila entre o tecnologicamente inferior e o moralmente superior, numa história considerada marcada por perdas e tentativas de preservação (RODRÍGUEZ RESÉNDIZ, 2021). O passado, em todos esses contextos discursivos, passa a ser instrumentalizado como um exemplo para o presente, como uma história *magistra vitae*, baseada em uma historiografia clássica que ignora os questionamentos dos debates mais recentes que sucederam a virada linguística (DAY, 2005:586). Desse modo, ao se subordinarem práticas do passado a necessidades do presente, fragmentam-se experiências.

A fábula criada a partir da segunda metade do século XX, em substituição ao mundo verdadeiro ou universal anterior, fragmenta experiências ao ignorar a vinculação mais orgânica que existe entre o fonógrafo, o fonógrafo de Edison, as defesas de universalização do conhecimento de Paul Otlet e da Liga das Nações, os discursos de perda de Murray Schafer e da UNESCO, a noção de ruído da teoria de Shannon e suas próprias narrativas de evolução tecnológica e necessidade de digitalização do registro sonoro antigo, além de muitas outras conexões que podem ser realizadas entre passado, presente e futuro para além de uma subordinação e hierarquização instrumental ou moral para uso imediato.

Uma fundamental consequência dessa desconexão também está presente em parte dos estudos realizados recentemente em torno dos documentos e arquivos sonoros, que, segundo nosso levantamento, dissociam experiências ao tenderem a abarcar práticas pontuais, advindas de casos localizados que se vinculam a um registro arcaico desencarnado historicamente, não obstante fisicamente situado. Isso porque, por vezes, isolam-se acervos sonoros "históricos" específicos, em geral, ameaçados de perda, produzindo-se uma narrativa fragmentada no tempo e no espaço (DOMINGUES, 2010; MALÁN CARRERA, 2019; CORDEREIX, 2005; LAYNE, 2004), não obstante haver esforços de conjugação de experiências (RODRÍGUEZ RESÉNDIZ, 2020), à maneira defendida pelo Instituto Internacional de Cooperação Intelectual, umas das fontes centrais para compreendermos como esses arquivos de fonogramas hoje isolados podem ter feito parte de um antigo esforço global que visava unir práticas e conhecimentos no tempo e no espaço.

Possivelmente, a falta de contextualização original desses documentos, como apontado pelo estudo da Library of Congress, seja um dos fatores que explique a ausência de uma análise amplamente mais reflexiva, historicamente alicerçada e tecnologicamente relacionada e expansiva ligadas a essas coleções, por vezes, tão estritamente localizadas. Contudo, um olhar historiográfico, a partir da evidência da relevância desse trabalho arqueológico mais lento e menos imediato para a preservação de documentos sonoros, pode ser a chave para discussões mais fundamentadas e correlacionadas e menos míticas, tanto do lado prático das importantes tarefas empreendidas em arquivos sonoros quanto do teórico, desenvolvido também pela Ciência da Informação.

Considerações finais

A trajetória histórica dos documentos e arquivos sonoros não deveria se resumir a discursos salvacionistas acerca de perdas iminentes, nem tampouco a um presentismo tecnológico que retroalimenta perspectivas irrefletidamente repetidas de tempos em tempos com obsessão. Transformadas em verdadeiros mitos, essas expectativas trazem consigo ansiedades que enublaram as importantes questões que lhes são subjacentes: a necessidade genuína de uma preservação responsável e efetiva de registros sonoros, produzidos ontem e hoje, e sua contextualização no tempo e no espaço. E um ponto está intimamente ligado ao outro, é condição para a efetividade do outro.

Contextualizar um acervo sonoro deveria significar mais do que mencionar em uma narrativa, acadêmica ou técnica, elementos de seu próprio passado ou mesmo a origem da máquina fonográfica e características de arquivos sonoros antigos. Deveria comportar, em primeiro lugar, a ideia de conexão indispensável, de presença incontornável: sem x, y jamais seria possível; y só é o que é porque é com x. Essas ligações estão necessariamente assentadas em um trabalho empírico cuidadoso e inevitavelmente lento, no qual se busca controlar ao máximo tanto os anseios por demandas imediatas que cegam (e ensurdecem), quanto os sentimentos de superioridade que nos tomam, na maioria das vezes, por desconhecermos outras experiências, passadas e distantes – vivências que, quando averiguamos com mais cuidado, percebemos também fazerem parte do que somos e do que enunciamos.

Assim, este artigo procurou apresentar uma cadeia de conexões discursivas – uma entre várias possíveis – que privilegiasse de certo modo essa interdependência ontológica (ser-com), apresentando uma construção social complexa, empreendida em tempos e espaços diversos. A Ciência da Informação que foi construída buscando um alicerce seguro em leis e teorias definitivas, cientificamente comprovadas, se uniu à defesa da chamada verdade universal do conhecimento possibilitada pelo fonograma, tido em vários contextos como um futuro substituto do livro, movimento que outras disciplinas acadêmicas, como a antropologia e a fonética experimental, vinham igualmente realizando com objetivos similares. A indústria de fonógrafos soube ler esses anseios transformando seu negócio em uma parte importante do discurso institucional da veracidade documental, também alimentando-o nesse ínterim, assim como a indústria da informação, mais tarde, mobilizaria campos científicos inteiros com base em outro discurso, o referente à aludida sociedade da informação que estaria avançando tanto a ponto de abandonar definitivamente um passado alegadamente insuficiente, não obstante as negadas instituições pregressas estarem sempre à espreita, nos meandros desses mesmos argumentos.

Com isso, o propósito foi procurar fazer os arquivos e documentos sonoros ressoarem para além de uma repisada condição nova ou antiga, otimista ou pessimista. Buscou-se demonstrar sobretudo que as conexões possibilitadas por sua materialidade podem expandir o escopo das discussões – que tendem a enveredar, como vimos, para discursos evolucionistas sem fim. Essa expansão contribui não apenas para entendermos por outras perspectivas o desenvolvimento de disciplinas acadêmicas, como a Ciência da Informação, mas igualmente para compreendermos os espaços sociais que ocupamos e o modo como pensamos, sempre em relação com os artefatos técnicos, sejam eles antigos, novos ou uma combinação de ambos.

Referências bibliográficas

BORKO, Harold

1968 Information Science: what is it? *American Documentation*. 19:1 (jan. 1968) 3-5.

BRUNOT, Ferdinand

1911 Discours de M. Ferdinand Brunot. In *Inauguration des Archives de la Parole*. Paris: Imprimerie Albert Manier, 1911.

BUCKLAND, Michael

1997 What is a document? *Journal of the American Society for Information Science*. 48:9 (1997) 804-809.

CASSIRER, Ernst

2021 [1925] *Linguagem e mito*. São Paulo: Perspectiva, 2021.

CLARKE, Charles

1918 The Phonograph in modern language teaching. *The Modern Language Journal*. 3:3 (dez. 1918) 116-122.

CLÉDAT, León

1917 *Dictionnaire étymologique de la langue française*. Paris: Hachette, 1917.

CLEMENT, Tanya

2014 The Ear and the shunting yard: meaning making as resonance in early information theory. *Information & Culture*. 49:4 (2014) 401-426.

CORDEREIX, Pascal

2005 Les Fonds sonores du département de l'Audiovisuel de la Bibliothèque Nationale de France. *Le Temps des Médias*. 5 (2005) 253-264.

DAY, Ronald

2005 Poststructuralism and information studies. *Annual Review of Information Science and Technology*. 39:1, (2005) 575-609.

DERRIDA, Jacques

2017 *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 2017.

DOMINGUES, Mauro

2010 Acervo sonoro do Arquivo Nacional: higienização, acondicionamento e armazenamento. *Acervo*. 23:2 (jul.-dez. 2010) 105-114.

EDISON, Thomas

1888 The Perfected phonograph. *The North American Review*. 146:379 (jun. 1888) 641-650.

EDISON, Thomas

1878 The Phonograph and its future. *The North American Review*. 126:262 (maio-jun. 1878) 527-536.

ENCONTRO INTERNACIONAL DE DISCOTECAS, 1º, São Paulo, 2016

2016 *Anais*. São Paulo: Discoteca Oneyda Alvarenga, 2016.

KANT, Immanuel

2022 [1784] *Ideia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita*. 4ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2022.

LAYNE, Valmont

2004 The Sound archive at the District Six Museum: A work in progress. In *Archives for the future: global perspectives on audiovisual archives in the 21st century*. Org. Anthony Seeger, Shubha Chaudhuri. Calcutá: Seagull Books, 2004.

LIBRARY OF CONGRESS

2010 *The State of recorded sound preservation in the United States: a national legacy at risk in the digital age*. Washington: Council on Library and Information Resources; The Library of Congress, 2010.

LUCHAIRE, Julien

1929 Monde comme construction intellectuelle. *La Coopération Intellectuelle: Revue de l'Institut International de Coopération Intellectuelle de la Société des Nations*. (15 jan. 1929).

MALÁN CARRERA, Fabricia Daniela

2019 Escuchar y esperar: el desafío de la digitalización y preservación del acervo sonoro de Radiodifusión Nacional del Uruguay. In *Conectando los saberes de bibliotecas, archivos y museos (BAM) en torno a la preservación de documentos analógicos y de origen digital*. Org. Perla Olivia Rodríguez Reséndiz, María Teresa Fernández Bajón. Cidade do México: UNAM, 2019.

MEDINA, Georgina Sanabria

2020 Apuntes sobre la inteligencia artificial y su aplicación en los archivos sonoros. In *Inteligencia artificial y datos masivos en archivos digitales sonoros y audiovisuales*. Org. Perla Olivia Rodríguez Reséndiz. Cidade do México: UNAM, 2020.

MURATALLA, Benjamín

2017 El Documento sonoro etnográfico: memoria del mundo encantado. In *Archivos digitales sustentables. Conservación y acceso a las colecciones sonoras y audiovisuales para las sociedades del futuro*. Org. Perla Olivia Rodríguez Reséndiz, Jaime Ríos Ortega, César Augusto Ramírez Velázquez. Cidade do México: UNAM, 2017.

A NEW LANGUAGE-TEACHING PHONOGRAPH

1913 A New language teaching phonograph. *Scientific American* 109:15 (11 out. 1913) 287.

NIETZSCHE, Friedrich

2017 [1888] *Crepúsculo dos Ídolos*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2017.

NORRIS, Sarah

2014 Toward an ontology of audio preservation. *Journal of the American Institute for Conservation*. 53:3 (ago. 2014) 171-181.

OLIVIER, Emmanuelle

2022 Des Cultures enregistrées aux cultures de l'enregistrement: l'ethnomusicologie à un tournant épistémologique? *Volume !: La revue des musiques populaires*. 19:2 (2022) 17-38.

OTLET, Paul

1934 *Traité de documentation: le livre sur le livre: théorie et pratique*. Bruxelles: Editiones Mundaneum, 1934.

OTLET, Paul

1919 *L'Organisation des travaux scientifiques*. Paris: Secrétariat de l'Association, 1919.

OTLET, Paul

1895 *Conférence Bibliographique Internationale*. Bruxelas: Ferdinand Larcier, 1895.

THE PHONOGRAPH

1896 The Phonograph. *Scientific American*. 75:4 (25 jul. 1896) 65-66.

RODRÍGUEZ RESÉNDIZ, Perla Olivia

2021 Aproximación histórica al origen de los archivos sonoros y audiovisuales en México. In *Creadores de memoria: los archivos sonoros y audiovisuales en México*. Org. Perla Olivia Rodríguez Reséndiz. Cidade do México: UNAM, 2021.

RODRÍGUEZ RESÉNDIZ, Perla Olivia

2020 Red Iberoamericana de Preservación Digital de Archivos Sonoros y Audiovisuales: una alternativa de colaboración científica. *Investigación Bibliotecológica: archivonomía, bibliotecología e información*. 34:84 (2020) 135-149.

RODRÍGUEZ RESÉNDIZ, Perla Olivia

2016a El Sonido grabado de los pueblos indígenas: documento y recurso de información. In *Información y comunidades indígenas*. Org. Cesar Augusto Ramírez Velázquez. Cidade do México: UNAM, 2016.

RODRÍGUEZ RESÉNDIZ, Perla Olivia

2016b Preservación digital sustentable de archivos sonoros. Cidade do México: UNAM, 2016.

RODRÍGUEZ RESÉNDIZ, Perla Olivia

2015 Contexto y desafíos de los archivos sonoros em la era digital. In *La Información y sus contextos en el cambio social*. Org. Jaime Ríos Ortea, Cesar Ramírez Velázquez. Cidade do México: UNAM, 2015.

SALDANHA, Gustavo

2020 *Ciência da Informação: crítica epistemológica e historiográfica*. Rio de Janeiro: IBICT, 2020.

SARACEVIC, Tefko

1996 *Ciência da Informação: origem, evolução e relações*. *Perspectivas em Ciência da Informação*. 1:1 (jan.-jun. 1996) 41-62.

SEASHORE, Carl; SEASHORE, Harold

1934 The Place of phonophotography in the study of primitive music. *Science*. 79:2.056 (25 maio 1934) 485-487.

SCHAFER, Raymond Murray

2011 *A Afinação do mundo: uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora*. 2ª ed. São Paulo: UNESP, 2011.

SHANNON, Claude Elwood

1948 A Mathematical theory of communication. *The Bell System Technical Journal*. [Em linha]. 27 [jul.-out. 1948] 379-423, 623-656. [Consult. 12 fev. 2025]. Disponível em: <https://people.math.harvard.edu/~ctm/home/text/others/shannon/entropy/entropy.pdf>.

SHERA, Jesse; CLEVELAND, Donald

1977 History and foundations of Information Science. *Annual Review of Information Science and Technology*. 12 (1977) 249-275.

SILVA, Alexandre Valdevino; MIRANDA, Májory Karoline Fernandes de Oliveira; SILVEIRA, Murilo Artur Araújo da

2021 Desmaterialização documental e vácuo informacional: o comprometimento da natureza ontológica do documento em um serviço de música streaming. *Logeion: filosofia da informação*. 7:1 (2021) 87-106.

SOCIÉTÉ DES NATIONS

1932 *Collections of registered music: Various correspondence*. [Em linha]. Genebra, 1932. [Consult. 9 fev. 2025]. File R2239/5B/32518/5757. Disponível em: <https://archives.ungeneva.org/collections-de-musique-enregistree-correspondance-diverse>.

STEWART-ROBERTSON, Owen

2024 Information from sound: exploring sounds and listening in information practices research. *Information Research*. [Em linha]. Special Issue: Proceedings of the 15th ISIC, 2024. [Consult. 12 fev. 2025]. Disponível em: <https://informationr.net/infres/article/view/846/413>.

STUMPF, Carl

1908 *Das Berliner Phonogrammarchiv*. [Em linha]. 11 (1908). [Consult. 12 fev. 2025]. Disponível em: <https://daten.digitale-sammlungen.de/~db/0006/bsb00067730/images/index.html>.

TKACZYK, Viktoria

2023 *Thinking with sound: a new program in the sciences and humanities around 1900*. Chicago; Londres: The University of Chicago Press, 2023.

THOMPSON, Emily

2004 *The Soundscape of modernity: architectural acoustics and the culture of listening in America, 1900-1933*. Cambridge; Londres: The MIT Press, 2004.

UNESCO

1980 *Recommendation for the safeguarding and preservation of moving images*. [Em linha]. Paris: Unesco, 1980. [Consult. 12 fev. 2025]. Disponível em: <https://www.unesco.org/en/legal-affairs/recommendation-safeguarding-and-preservation-moving-images>.

WERSIG, Gernot

1993 Information Science: the study of postmodern knowledge usage. *Information Processing & Management*. 29:2 (1993) 229-239.

Denise de Oliveira | denise.deoliveira.historia@gmail.com

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) / Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), Brasil